

**IMPrensa DE EDUCAÇÃO E ENSINO:
FONTE PRIVILEGIADA PARA UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO
TRABALHADOR URBANO EM PORTUGAL NO COMEÇO DO SÉCULO XX**

*Education and teaching press: privileged source for the urban worker history of education
in Portugal at the beginning of 20th century*

Luiz Carlos Barreira*

RESUMO

Neste artigo, o autor apresenta suas primeiras formulações sobre modelos pedagógicos alternativos ao liberal que circularam em Portugal no início do século XX. Formulações elaboradas a partir de registros que encontrou na imprensa portuguesa de educação e ensino do período, tais como relatos de professores sobre suas práticas docentes. Dentre os sujeitos considerados, estão alguns dos principais representantes do movimento libertário em território português, como Adolfo Lima, César Porto e Emílio Costa, por exemplo, todos eles, professores da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa.

Palavras-chave: Imprensa portuguesa de educação e ensino; Movimento libertário; Modelos pedagógicos; Escola Oficina N.º 1 de Lisboa.

ABSTRACT

In this article, the author presents his first formulations about alternative pedagogical models to the liberal ones that circulated in Portugal at the beginning of the 20th century. They were elaborated using records he collected in the Portuguese press of education and teaching from that time, such as teacher's reports about their own learning practices. Considered in the research are some of the most important representatives of the Liberty Movement in the Portuguese territory, such as Adolfo Lima, César Porto and Emílio Costa, for instance, who worked as teachers in the Escola Oficina N.º 1 of Lisbon.

Keywords: Portuguese press of education and teaching; Liberty Movement; Pedagogical models; Escola Oficina N.º 1 of Lisbon.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Doutor em Educação: Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Contatos: luizcarlosbarreira@yahoo.com.br

Introdução

Modelos pedagógicos alternativos ao liberal, que foram concebidos, divulgados ou postos em prática entre os últimos anos da monarquia e os primeiros anos da república portuguesa (aproximadamente, entre 1905 e 1930), é o tema desta comunicação. Esse tema encontra-se estreitamente vinculado às pesquisas que venho realizando nos últimos anos sobre a formação do trabalhador urbano no limiar da modernidade capitalista, e começou a ser investigado em abril de 2004, quando estive em Portugal em missão de trabalho.¹ Dessa missão derivou um plano de estágio pós-doutoral naquele país, cumprido entre setembro e dezembro de 2005, cujos primeiros resultados serão aqui apresentados.

Dentre os modelos pedagógicos alternativos ao liberal que circularam em Portugal nesse período, será dada ênfase ao “modelo” libertário de educação que, segundo António Candeias (1994), teria sido a resultante de um conjunto de práticas escolares que tiveram lugar na Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, marcadamente a partir de 1907, quando chegam a essa escola alguns professores libertários, como Adolfo Lima, António Lima, Deolinda Lopes Vieira, César Porto, Emílio Costa, Aurora de Macedo e José Carlos de Sousa, dentre outros.²

A imprensa de educação e ensino certamente foi, sobretudo no período aqui focalizado (1905-1930), um importante veículo de divulgação, em Portugal, assim como em outros países do mundo, de idéias e práticas educacionais dos mais diferentes matizes. Por essa razão, torna-se uma importante fonte para a pesquisa histórica no campo da educação, em particular para a investigação de algumas das principais características do modelo de educação “libertário” que teriam orientado as práticas educativas de escolas para operários e filhos de operários, como a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, por exemplo.

A revista *Educação Social* é, ainda segundo Candeias (1994, p. 30), uma fonte documental bastante rica para a história da educação popular, mais precisamente operária, uma vez que nela encontram-se publicados relatos de professores da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, sobre suas práticas pedagógicas, bem como textos de natureza teórica e de divulgação das idéias norteadoras dessas práticas. Esse periódico circulou entre 1924 e 1927 e foi dirigido por Adolfo Lima que, nessa altura, não mais pertencia ao corpo docente da Escola Oficina, mas atuava como professor da Escola Normal Primária de Lisboa.

Com base nessas informações, optei por apresentar, nesta comunicação, os resultados de uma análise, ainda preliminar, do discurso de alguns dos professores da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, que deixaram o registro de suas convicções e práticas pedagógicas nas páginas da revista *Educação Social*, a saber: Adolfo Lima (20 artigos publicados), César Porto (6 artigos), António Lima (5 artigos), Deolinda Lopes Vieira (2 artigos), José Isidoro Neto, José Carlos de Sousa, Aurora de Macedo e Emílio Costa (cada um deles com um único artigo publicado). Além desses, dois outros discursos foram ainda considerados: o de um ex-aluno da Escola Oficina, Manuel J. Oliveira (1 único artigo publicado), e o de um operário do setor gráfico, Alexandre Vieira (3 artigos publicados). Assim procedendo, procurei reunir o maior número possível de dados e informações que possibilitassem uma compreensão mais acurada das principais características do modelo pedagógico elaborado e posto em prática pelos sujeitos aqui considerados.

¹ Convênio de cooperação internacional CAPES-GRICES — “A história da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais” —, coordenado pelos professores doutores Joaquim Pintassilgo, da Universidade de Lisboa, e Marta Maria Chagas de Carvalho, da Universidade de São Paulo.

² A Escola Oficina N.º 1 de Lisboa foi fundada, em 1905, pela Sociedade Promotora de Escolas — instituição declaradamente republicana e pertencente à maçonaria portuguesa. Inicialmente voltada para a formação profissional dos trabalhadores urbanos portugueses, a Escola Oficina passou a promover uma verdadeira revolução silenciosa no campo da educação, após a contratação, em 1907, de professores anarquistas. Cf. António CANDEIAS (1994).

Os resultados até aqui alcançados foram agrupados em quatro partes. Na primeira, a revista *Educação Social* é sucintamente apresentada. Na segunda, são fornecidos alguns dados biográficos dos diretores pedagógicos, professores e ex-alunos da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa que publicaram artigos na revista *Educação Social*, assim como do operário gráfico, Alexandre Vieira. Na terceira, são abordados os temas que os sujeitos aqui focalizados trouxeram para o público leitor da revista. Na quarta e última parte, são apresentadas as primeiras impressões sobre o tema investigado, as questões que elas ensejam e a seqüência da pesquisa.

Da revista *Educação Social*

A revista *Educação Social* foi editada em Lisboa pela Empresa Literária Fluminense e circulou de 10 de janeiro de 1924 a 15 de outubro de 1927. Sua publicação, inicialmente quinzenal, passou a ser mensal a partir de 25 de junho de 1924 e assim seguiu até o fim. Os responsáveis por sua publicação foram: Adolfo Lima (diretor – até 1927; redator principal – em 1927), Ernesto Coelho (secretário – até 1927) e Mauro Pena (secretário – em 1927). Além de inúmeros colaboradores, a revista também pôde contar com os seguintes redatores delegados:

- Pôrto: – Augusto Alves de Oliveira (Professor da Escola Moderna)
- Coimbra: – Álvaro Viana de Lemos (Professor da Escola Normal Primária)
- Portalegre: – Dr. A. Galeano Tavares (Professor do Liceu)
- Beja: – D. Delfina Serrão (Professora da Escola Primária Geral)
- Póvoa de Varzim: – Dr. J. V. Marques da Silva (Professor do Liceu)
- Caldas da Rainha: – Canhão Júnior (Professor da Escola Primária Superior)
- Santarém: – J. Carvalhão Duarte (Professor da Escola Primária Geral)
- Angra do Heroísmo: – Dr. Vítor Braga Paixão (Professor e Secretário do Liceu)
- Bruxelas: – Emílio Costa (Professor do Ensino Livre)
- Leiria: – Joaquim Gomes Belo (Professor da Escola Primária Geral).

No verso da capa da revista, em espaço reservado à Redação e Administração, encontram-se as informações relativas às condições de assinatura, anúncios e preços da revista, como se seguem:

A revista EDUCAÇÃO SOCIAL publica-se, quinzenalmente, com 16 páginas, nos dias 10 e 25 de cada mês.

Condições de assinatura. É paga adiantada, desde o 1º número de cada ano. Para Portugal 40\$00 por ano (série de 24 números) incluindo o porte do correio e podendo ser paga em duas prestações iguais (1ª em Janeiro, 2ª em Junho). Para o estrangeiro 35 francos, além do porte do correio. Considera-se renovada desde que não haja aviso em contrário durante o mês anterior àquele em que finda.

A assinatura pode ser feita diretamente à Empresa editora ou por intermédio de qualquer livraria.

Número avulso: 2\$00 (Portugal) incluindo o correio; 2 fr. (Estrangeiro), além do correio.

Anúncios — Preços convencionais com a Administração.

A publicação da revista *Educação Social* ocorre em um período particularmente importante, tanto da política educativa republicana portuguesa, como do movimento pedagógico a nível mundial. De acordo com as informações encontradas no repertório da imprensa de educação e ensino portuguesa do século XIX e do XX, cuja coordenação geral esteve sob a responsabilidade de Nóvoa e Bandeira (2003a), a revista *Educação Social* filia-se à Liga Internacional Pró-Educação Nova, após uma intensa troca de correspondência entre Adolfo Lima e Adolphe Ferrière e

após a participação de Álvaro Viana de Lemos no “Congresso de Locarno”. Segundo essa mesma fonte, a direção da “Secção da Educação Social da Liga Internacional Pró-Educação Nova” teria sido confiada a António Sérgio, por sugestão de Ferrière e com a anuência de Adolfo Lima.

A adesão de Adolfo Lima e da revista *Educação Social* à Liga ocorre, entretanto, bem antes, como atesta a nota com a qual Adolfo Lima “fecha”, por assim dizer, artigo em que apresenta os 30 pontos caracterizadores de uma escola nova, sistematizados pelo Bureau International des Écoles Nouvelles.³ Essa nota diz o seguinte:

A EDUCAÇÃO SOCIAL não pode deixar de concordar com as idéias que estes princípios fundamentais apresentam, e se encontram englobados nos 30 pontos expostos, à parte, já se vê, certas minúcias mais de forma do que de fundo e, portanto, adere solenemente por este meio aos referidos princípios e saúda em Adolfo Ferrière o Ideal das Escolas Novas (Educação Social, (15-16), 15 de ago. 1924, p. 283).

Também por essas razões, a revista *Educação Social* pode ser considerada uma publicação essencial para a compreensão do Movimento da Escola Nova em Portugal.

Educação Social publicou vários números especiais, dedicados aos seguintes temas: educação estética, educação infantil, psicologia aplicada à educação, a sociologia na educação, educação da mulher, educação profissional, o romance na educação, o teatro na educação, trabalhos manuais educativos e, por fim, um número especial em comemoração ao centenário de Pestalozzi. O próprio Adolfo Lima, ao apresentar o primeiro número da segunda série da revista aos seus assinantes, reconhece a importância desses números para a consecução dos objetivos da revista. Nas suas palavras:

*Toda a coleção, mas principalmente os quatro números especiais, marcam bem a ideologia pedagógica que a anima e lhe dá a sua razão de ser. Entre as quatro espécies de educação (fisiológica, estética, mental e social), é a **estética** (educação da sentimentalidade) que deve preocupar o educador, como ponto de partida das outras educações. Mas, para haver educação perfeita e eficaz, ela tem de vir da mais tenra idade; sem **educação infantil** toda a educação subsequente é construída sem alicerces. A educação deve ter por base a natureza da criança e as suas possibilidades fisiológicas e psíquicas; e, portanto, a **Psicologia** é a base da Pedagogia. O indivíduo humano é social por essência e definição: logo é a Sociologia que há de envolver e nortear toda a ação educadora. Eis a razão dos nossos quatro números especiais, cuja escolha obedeceu a um plano pré-estabelecido.*

*Na nova série, os quatro números especiais serão particularidades destes quatro pontos cardeais da **Educação**: a educação da mulher, a educação profissional, o Romance na educação social, o Teatro na educação social (Educação Social, (25-26), 15 de jan. 1925, p. 32).*

Na sua penúltima série, a revista contou com a colaboração de algumas entidades de classe, a saber: o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas organizou o número 51-52, publicado em 15 de fevereiro de 1926; a Liga de Ação Educativa organizou o número 57-58, publicado em 15 de maio de 1926; por fim, a Liga Portuguesa Abolicionista organizou o número 71-72, publicado em 15 de dezembro de 1926.

Por estar intimamente ligada à figura do seu diretor, considerado pela historiografia portuguesa um dos mais importantes pedagogos portugueses da primeira metade do século XX, a revista *Educação Social* não teria resistido à prisão de Adolfo Lima, ocorrida em outubro de 1927 e atribuída às mudanças que começaram a se verificar em Portugal em decorrência do golpe de

³ Adolfo LIMA, As Escolas Novas. *Educação Social*, Lisboa, (15-16), 15 de ago. 1924, p. 277-283.

Estado de 1926 e da ditadura militar que se instalou naquele país a partir de então. Apesar dos esforços empreendidos por vários colaboradores, incentivados por Adolfo Lima, a revista não mais voltou a circular.

Dos autores selecionados

Como já dito anteriormente, ter atuado como professor ou diretor pedagógico da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, ou ter sido aluno dessa escola, desde que atuasse ou tivesse atuado no magistério, foram os critérios observados para a seleção dos autores aqui focalizados. Esses autores foram os seguintes: Adolfo Lima, Alexandre Vieira, António Lima, Aurora de Macedo, César Porto, Deolinda Lopes Vieira, Emílio Costa, José Carlos de Sousa, José Isidoro Neto e Manuel J. Oliveira. Desse conjunto, a única exceção é Alexandre Vieira, operário gráfico que não passou pelos bancos da Escola Oficina, nem foi seu professor, mas que acabou sendo selecionado por ter sido um dos únicos, senão o único operário a publicar artigos na revista *Educação Social*. Com o objetivo de trazer um mínimo de informação necessária à localização desses sujeitos, apresentaremos, na seqüência, cada um deles.

Segundo António Candeias,⁴ **Adolfo** Ernesto Godfroy de Abreu e **Lima** nasceu em Lisboa em 28 de maio de 1874 e faleceu, também em Lisboa, em 27 de novembro de 1943. Filho de pai português e de mãe brasileira, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Entre 1906/07 e 1914, foi professor Sociologia e diretor pedagógico da Escola Oficina. Enquanto lá esteve, também dirigiu *Educação*, revista editada pela Sociedade Promotora de Escolas, também ela proprietária e fundadora da Escola Oficina. O primeiro número dessa revista foi publicado em 15 de janeiro de 1913 e, o último, em 31 de dezembro desse mesmo ano. Nesse seu curto ciclo de vida, a revista *Educação* teve 24 números publicados, cada qual com aproximadamente 12 páginas. Depois de ter passado pela Escola Oficina, Adolfo Lima começou a lecionar no Liceu Pedro Nunes. Em fevereiro de 1918, assumiu a direção da Escola Normal Primária de Lisboa, onde permaneceu, como diretor, até maio de 1921 e, como professor, até 1933. A partir de então, assumiu a direção da Biblioteca-Museu do Ensino Primário, que era anexa à Escola Normal de Lisboa. Foi no período em que esteve ligado à Escola Normal que dirigiu a revista *Educação Social*. Mesmo encontrando-se afastado da Escola Oficina, Adolfo Lima jamais a esqueceu. Ao contrário, não são poucas as referências que a ela faz nos vinte e tantos artigos que publicou na revista *Educação Social*.

Irmão de sangue de Adolfo Lima, **António** Godfroy de Abreu e **Lima** nasceu em Lisboa em 08 de janeiro de 1883 e faleceu, também em Lisboa, em 05 de janeiro de 1968. Estudou, sucessivamente, no Colégio Nacional, Liceu do Carmo, Escola Industrial Marquês de Pombal e Instituto Industrial, onde concluiu o curso de Química Industrial. Ingressou no mercado de trabalho como diretor técnico da Seção de Indústrias da Casa Nunes & Nunes e da Casa Industrial Mercantil do Oeste e chefe de seção da Companhia Portuguesa de Higiene. Mas foi ao ensino que se consagrou, construindo uma carreira profissional indissociável da escola a que dedicou a maior parte da sua vida, a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Iniciou suas atividades docentes no Colégio Francês, mas foi ao projeto da Escola Oficina N.º 1 que se dedicou a partir de 1907, data em que o seu irmão assumiu funções de direção pedagógica nesse mesmo estabelecimento de ensino. Colaborou, ainda que de forma pontual, com outro projeto de escola nova, o Colégio Infante de Sagres, fundado nas Laranjeiras (Lisboa) em 1928. No exercício do magistério, dedi-

⁴ Autor do verbete sobre Adolfo Lima, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre o referido autor. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 453.

cou-se, basicamente, a duas áreas: aos Trabalhos Manuais Educativos (modelação em barro e papel) e as Ciências Físicas, Químicas e Naturais. À primeira procurou conferir um caráter pedagógico, em contraposição à feição profissional até então predominante nessa área. A segunda, procurou desenvolvê-la de forma inovadora, mobilizando as várias disciplinas para a explicação dos fenômenos, com vista à compreensão da globalidade da natureza e da vida. Os Trabalhos Manuais Educativos, “novidade pedagógica” de um ensino que se pretendia inovador (integral e ativo), e o ensino integrado e experimental das Ciências são, segundo um dos seus biógrafos, Manuel Henrique Figueira,⁵ o traço distintivo da trajetória profissional desse eminente professor-pedagogo. Não foram poucas as aulas de ciências que esse professor publicou na revista *Educação*, no *Boletim da Escola Oficina N° 1 de Lisboa* (que deu continuidade à revista *Educação*) e na revista *Educação Social*, dirigida por seu irmão.

Segundo Cláudia Castelo⁶, **César Porto** foi um dos impulsionadores da Educação Nova em Portugal. Formou-se em Antropologia, em Paris, e exerceu o magistério primário em várias escolas portuguesas. Maçon e republicano, iniciou sua vida política nas “lides libertárias”, tendo sido um assíduo colaborador do jornal *A Batalha*. Nasceu em Lisboa em 30 de novembro de 1873 e faleceu, também em Lisboa, em 25 de dezembro de 1944. Na Escola Oficina, foi professor de Português e Sociologia. Tempos depois, assumiu a direção pedagógica dessa mesma escola. Dentre outras atividades, compôs a comissão promotora da Liga de Ação Educativa, fez parte do conselho pedagógico da Universidade Popular Portuguesa e visitou a Rússia a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino.

Filho de pai carpinteiro e de mãe doméstica, **Alexandre Fernandes Vieira** nasceu na cidade do Porto em 11 de setembro de 1880 e faleceu, em Lisboa, em 26 de dezembro de 1973. Ele não chegou a concluir os seus estudos primários. Ingressou no mercado de trabalho aos 11 anos de idade como ajudante em uma tipografia. Desde cedo começou a militar no movimento operário, atuando em sindicatos, organizando congressos de trabalhadores e responsabilizando-se pela redação de jornais operários. Dadas as relações privilegiadas que mantinha com o Grupo Seara Nova, conseguiu um posto de trabalho na tipografia da Biblioteca Nacional. No âmbito de atuação do Grupo Seara Nova, colaborou com a Universidade Popular Portuguesa na implantação de um projeto de educação popular a serviço da classe operária. Embora não tenha atuado como professor da Escola Oficina N° 1 de Lisboa, nem tenha sido aluno dessa escola, a inclusão dos artigos que escreveu e publicou na revista *Educação Social* no rol de textos selecionados deveu-se, como já dito anteriormente, ao fato dele ter sido, talvez, o único operário a publicar artigos nessa revista.

Nenhuma biografia de **Aurora de Macedo** foi encontrada. As poucas informações existentes sobre essa autora foram dadas pela redação da revista *Educação Social*. Trata-se de uma “antiga professora da Escola Oficina N° 1 de Lisboa”, com um único artigo publicado na revista.

Filha de doméstica e de caixeiro viajante, **Deolinda Lopes Vieira** (Pinto Quartim) nasceu na cidade de Beja, em 08 de julho de 1883, e faleceu em Lisboa, em 08 de junho de 1993. Frequentou a escola primária na sua cidade natal e, aos 12 anos de idade, seus pais fixaram residência em Lisboa. Foi nessa cidade que Deolinda cursou a Escola Normal. Segundo Manuela Ferreira⁷, “fortemente marcada pela vivência republicana”, teria sido durante a juventude, e por

⁵ Autor do verbete sobre António Lima, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre o referido autor. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 456.

⁶ Autora do verbete sobre César Porto, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre o referido autor. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 686.

⁷ Autora do verbete sobre Deolinda Lopes Vieira Pinto Quartim, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre a referida autora. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 895.

intermédio das obras de Tolstoi, Kropotkin, Élisée Reclus, Sebastien Faure, Jean Grave e muitos outros, que Deolinda teria encontrado “o fundamento para as suas opções políticas e sociais”. Tempos depois, conheceu António Pinto Quartim, divulgador do anarquismo e autor de vários livros, além de responsável por projetos culturais e jornalísticos como *O Protesto – Guerra Social* (1908-1909), *Amanhã* (1909) e *Terra Livre* (1913). António teria sido, ainda, o primeiro chefe de redação do jornal *A Batalha* (1919). Deolinda começou a trabalhar como professora na Escola Oficina Nº 1 por volta de 1910. Um ou dois anos depois, acompanhou o marido, António Pinto Quartim, ao Brasil, posto ter sido ele expulso de Portugal devido às suas atividades políticas e sociais no âmbito do anarquismo. Regressou a Portugal em 1915 e voltou a trabalhar na Escola Oficina Nº 1, mas também lecionou em algumas escolas móveis republicanas, que foram extintas em 1930. Em 1919, especializou-se em educação infantil na Escola Normal de Benfica, que era dirigida, naquela época, por Adolfo Lima. A partir de então, trabalhou alternadamente na Escola Oficina e no ensino oficial infantil, então recém-criado. Com a extinção do ensino infantil em 1932, foi transferida para uma escola do ensino primário oficial onde se manteve até à sua aposentadoria, ocorrida por volta de 1939-1940.

Emílio Martins Costa nasceu em 21 de fevereiro de 1877, na cidade de Portalegre, e faleceu em 17 de fevereiro de 1952, em Lisboa. Teve uma rápida passagem pela Escola Oficina Nº 1, de Lisboa, e publicou um único artigo na revista *Educação Social*, intitulado “Escola do Trabalho”. Entretanto, dada a sua trajetória política e profissional, é figura-chave para a compreensão das questões aqui apresentadas. Segundo Filomena Bandeira⁸, Emílio Costa nasceu no seio de uma família burguesa liberal de Portalegre. Após sua formação inicial, entrou para o Liceu Mouzinho da Silveira em 1887, concluindo o ciclo secundário em 1894. Dois anos depois, instalou-se em Lisboa para frequentar o Instituto Industrial. Em 1899, também se matriculou no Curso Superior de Letras, mas não concluiu nenhum desses cursos. Em 1903, decidiu-se por um “período de divagação e estudo pela Europa”, percorrendo a França, a Bélgica e a Suíça. Assim que chegou a Lisboa, em 1896, envolveu-se na vida acadêmica, que era fortemente politizada e dominada pelo republicanismo. Em 1897, subscreveu o Manifesto Acadêmico Republicano, esteve na fundação do Centro Acadêmico Republicano, entrou para a Maçonaria Acadêmica e para a Carbonária Portuguesa. Suas ligações com a maçonaria se solidificaram, pois pertenceu à Loja Montanha, chegando ao grau de mestre. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar no que diz respeito aos seus vínculos com o republicanismo que, com o tempo, desapareceram. Foi um dos principais doutrinadores e divulgadores das idéias libertárias. A sua estada no estrangeiro, entre 1903 e 1909, ora em França, ora na Bélgica, proporcionou-lhe um contacto estreito com o movimento anarquista internacional. De sua aproximação ao meio acadêmico, destaca-se a passagem, ainda que fugaz, pela Universidade Nova de Bruxelas, em 1903, onde se inscreve na Faculdade de Ciências Sociais, no curso de Sociologia, onde e quando conheceu Faria de Vasconcelos, estudante como ele, e que na Bélgica, anos depois, fundaria uma Escola Nova. Nos anos vinte e trinta, reencontram-se em Portugal e participam em projetos educativos comuns. No último ano em que perambulou pela Europa, mais especificamente pela França (1908), aproximou-se de uma comunidade pedagógica de vanguarda. Nesse momento, atuou como secretário pessoal de Ferrer. Colaborou na fundação da Liga Internacional para a Educação Racional da Infância e tentou organizar uma seção em Portugal. A experiência alcançada durante esse período forneceu-lhe o conhecimento dos núcleos anarquistas mais importantes, do meio sindical internacional, assim como das suas estruturas organizativas e métodos de ação, além do estudo doutrinário.

⁸ Autora do verbete sobre Emílio Martins Costa, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre o referido autor. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 255.

De acordo com as informações coligidas por Filomena Bandeira⁹, **José Carlos de Sousa** nasceu em Lisboa, no ano de 1871, mas não se sabe em que dia e mês desse ano ele teria nascido. Sabe-se que faleceu em 1935, na cidade de Lisboa, mas também não se sabe em que dia e mês tal fato teria acontecido. Frequentou o Instituto Comercial de Lisboa, exerceu a profissão de contabilista e a de professor de línguas no ensino particular. Paralelamente, dedicou-se à divulgação e propaganda das idéias anarquistas em Portugal em um período em que o movimento libertário teve influência decisiva na estruturação do movimento sindical. Em 1924 entrou para o Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa. Em 1930-1931 dirigiu a Escola-Oficina N.º 1 de Lisboa. Segundo sua biógrafa, “uma passagem turbulenta” que terminou com a sua demissão, resultante de um processo de inquérito onde, entre outros fatos, foi posta em causa a orientação que ele tentou imprimir à relação pedagógica. Adriano Botelho, companheiro de luta de José Carlos de Sousa, tê-lo-ia definido como “um dos mais dedicados propagandistas do ideal anarquista”.

Nenhum dado biográfico sobre **José Isidoro Neto** foi encontrado até o momento. Ele é apenas apresentado, pela redação da revista *Educação Social*, como escultor e professor da Escola Oficina N.º 1, de Lisboa.

O último autor a ser apresentado é **Manuel J. Oliveira**. Sobre ele também nada foi encontrado a não ser o fato de ter sido cenógrafo e o único ex-aluno da Escola Oficina N.º 1, de Lisboa, a ter um artigo publicado na revista *Educação Social*.

Esses foram os autores de artigos da revista *Educação Social*, selecionados para análise da questão investigada, qual seja, a verificação da existência, na Primeira República portuguesa, de modelos pedagógicos alternativos ao modelo liberal e, em caso afirmativo, a enunciação de suas principais características.

Dos artigos dos autores selecionados

De todos os articulistas selecionados, **Adolfo Lima** foi aquele que mais publicou na revista *Educação Social*. Foi aquele, ainda, que mais escreveu sobre doutrinas pedagógicas para essa revista. Escreveu sobre a evolução da educação: da educação pré-escolar e dos períodos da evolução da criança à educação da mulher, passando pela instrução primária e pela escola primária superior, em Portugal. Escreveu, ainda, sobre vários outros assuntos, tais como: o sistema Decroly, o centenário de Pestalozzi, teatro escolar, excursões escolares, as relações entre sociologia e pedagogia, crítica educativa, estética e moral, trabalhos educativos, autonomia dos educandos e educação social. Mas, são os seus escritos sobre as escolas novas e sobre a escola única que mais interessam, neste momento, tendo em vista as questões apresentadas nesta comunicação. Dos artigos publicados nessa revista, dois deles chamam a atenção: um sobre a escola nova e outro sobre a escola única. No primeiro, os 30 pontos caracterizadores de uma escola nova, sistematizados pelo Bureau International des Écoles Nouvelles, são apresentados e comentados. Nele, Adolfo Lima afirma quais desses pontos também norteavam e identificavam, como novas, as práticas pedagógicas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. No outro artigo, ele apresenta os fundamentos e as características da escola única, para depois testemunhar sobre a sua realização, em Portugal, ocorrida, como não poderia deixar de ser, naquela mesma Escola Oficina.

Cinco, dos seis artigos publicados por **César Porto** na revista *Educação Social*, estão diretamente relacionados ao tema e questionamentos aqui apresentados. Em um deles, escrito em co-autoria com Adolfo e António Lima, os brinquedos e os jogos são considerados peças fundamen-

⁹ Autora do verbete sobre José Carlos de Sousa, de onde foram extraídas as informações aqui apresentadas sobre o referido autor. Cf. António NÓVOA (2003b), referência 825.

tais do processo de educação integral na criança, pois contribuiriam poderosamente para a “expansão e aperfeiçoamento fisiológico, estético, mental e social” da criança e, principalmente, “para a formação da sua personalidade” (*Educação Social*, (33-34), 15 de mai. 1925, p. 129). O ensino da Sociologia é o tema de um segundo artigo. Nele, César Porto empenha-se em defender uma formação verdadeiramente democrática para todos os portugueses — do futuro estadista ao cidadão comum. Para tanto, entende que noções básicas de sociologia (de conhecimentos que pudessem revelar a história das diferentes formações sociais forjadas pelos homens ao longo de sua história) deveriam ser veiculadas pela escola. Em outros três artigos, a educação pelo romance (em um deles) e a educação pelo teatro (em outros dois) são apresentadas como importantes estratégias pedagógicas para que uma educação, não dos sentidos, mas pelos sentidos, pudesse ser alcançada.

Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim) publicou apenas dois artigos na revista *Educação Social*: um sobre cinema e outro sobre estética no lar. No artigo sobre cinema, o foco incide sobre a indústria cultural, embora o termo não fosse usado naquela época. Nele, a autora discorre sobre a má influência exercida pelos romances e filmes policiais sobre a juventude, mas reconhece ser possível (e desejável) o uso pedagógico do cinematógrafo, pois também partilhava da tese que postulava uma educação integral da criança, pelos sentidos.

Professor do ensino livre, **Emílio Costa** publicou um único artigo na revista *Educação Social*. Nesse artigo, intitulado “Escola do Trabalho”, ele discorre sobre o atraso de Portugal no que diz respeito à justiça social e afirma ser o trabalho produtivo o maior problema a ser enfrentado por todos os portugueses, naquele momento. A resolução desse problema, segundo ele, estaria na opção por uma educação orientada pelo trabalho. Para ele:

(...) a escola do trabalho é um elemento indispensável do progresso social. Por quê? Porque nela se conjugam os trabalhos manual e intelectual, de maneira tal que levam ao desaparecimento, no espírito dos indivíduos saídos dessas escolas, do antagonismo ainda existente entre as duas espécies de trabalho. O desaparecimento deste antagonismo produz, por um lado, uma aceleração nos domínios da ciência e da sua aplicação às indústrias e, por outro, um progresso social muito importante, porque se facilita o desaparecimento do antagonismo entre os homens pelo do antagonismo entre os trabalhos que eles executam e pelo reconhecimento do grande valor do trabalho manual — o maior fator do progresso moral, intelectual e social — por parte dos indivíduos de profissões chamadas liberais (*Educação Social*, (39-40), 15 de ago. 1925, p. 243-244).

No único artigo publicado pelo ex-aluno da Escola Oficina, **Manoel J. Oliveira**, na revista *Educação Social*, o ensino da modelação é focalizado. Nele, a precedência do ensino do desenho ao da modelagem, para crianças do ensino primário, é questionada. A prática da modelagem deveria preceder a do desenho, pois, segundo o autor, “a criança poderá desenhar qualquer objeto que anteriormente tenha modelado, com completo interesse e inteligência, porque apalpou a sua forma e apreendeu como pôde as suas proporções” (*Educação Social*, (63-64), 15 de ago. 1926, p. 258).

José Isidoro Neto, escultor e professor da Escola Oficina, também escreve sobre o ensino da modelação na escola primária, ocupando-se, entretanto, dos melhores materiais e métodos para o ensino desse trabalho manual. Para esse professor, o barro seria o melhor material para o ensino da modelação e o melhor método seria aquele que partia da modelação copiada do natural para chegar à modelação livre, ou composição decorativa.

O método montessoriano do ensino da leitura e da escrita é o tema abordado por **Aurora de Macedo** no único artigo que essa professora da Escola Oficina publicou na revista *Educação Social*. A divulgação desse método teria sido a principal motivação da autora para a publicação do artigo. Para Montessori, segundo Aurora de Macedo, o desenho é uma atividade fundamental para a aquisição da escrita e da leitura. De acordo com o método de Montessori, a criança primeira-

mente deveria aprender a escrever, desenhando. Somente depois de ter aprendido a escrever desse modo, a criança deveria aprender a ler, lendo o que escreveu, desenhou. Ou seja, o processo de aquisição da escrita não poderia ser confundido com o processo de aquisição da leitura, por serem processos distintos, embora interligados. Mais ainda, o aprendizado da escrita antecederia o aprendizado da leitura. Supõe-se, aqui, que Aurora de Macedo, tenha feito uso desse método nas suas práticas de alfabetização na Escola Oficina. Entretanto, não há evidências de que isso tenha ocorrido.

Outro professor da Escola Oficina a escrever sobre sua prática de ensino é **Antônio Lima**. Professor de ciências, ele escreve sobre o ensino das ciências físico-naturais (zoologia, botânica e química, destacadamente) na escola infantil, primária geral e primária superior. Mas escreve, também, sobre um outro tema: trabalhos manuais educativos em geral, e os de papel, em particular. Com Adolfo Lima e César Porto, escreveu sobre os brinquedos e os jogos no processo de educação integral da criança.

Inconformado com a prisão de Adolfo Lima, César Porto e tantos outros, pelos golpistas de 1926, **José Carlos de Sousa**, ex-professor da Escola Oficina, publica, em setembro de 1927, artigo no qual defende a tese da indestrutibilidade das conquistas da educação para o aperfeiçoamento humano. Mais preocupado com a educação moral do homem contemporâneo, cujos maus hábitos (alcoolismo, prostituição, concubinato, jogos violentos, vadiagem) fazia questão de combater, o autor dispensa pouca ou quase nenhuma atenção à educação escolar propriamente dita.

Os artigos que o operário gráfico, **Alexandre Fernandes Vieira**, publicou na revista *Educação Social* versam sobre orientação profissional, sobre as possibilidades de criação, no âmbito das atividades manuais, e sobre as formas como o trabalhador emprega as suas horas de lazer. Não trazem, infelizmente, elementos que possibilitem a discussão das questões aqui investigadas.

Do tema-problema investigado: primeiras impressões

Os artigos dos professores, educadores e pedagogos publicados na revista *Educação Social* focalizados nesta comunicação evidenciam uma clara associação do movimento de educação nova, que se irradiava por toda a Europa desde o final da segunda década do século XX, aos horrores vividos pelos europeus (mas não somente por eles) na primeira grande guerra mundial (1914 a 1918). Mas também evidenciam uma firme determinação de comprovação (sobretudo manifesta por Adolfo Lima em vários dos seus artigos) de que, no contexto português, aquele movimento já se fazia sentir bem antes, antes mesmo de proclamada a república (1911), podendo ser detectado nas práticas (discursivas e escolares) dos republicanos portugueses, fossem eles liberais, maçons, socialistas ou libertários (revolucionários ou sindicalistas).

A luta contra o “velho” exigia, por assim dizer, a união de todos em torno de um mesmo fim, qual seja, a destruição de um inimigo comum: a monarquia e tudo aquilo que a ela estivesse ligado — a escola, por exemplo. Entretanto, cada grupo concebia o “novo” de uma determinada maneira e, conseqüentemente, as estratégias que propunham para a consecução dos objetivos que postulavam nem sempre coincidiam, exceto uma delas: o papel relevante que todos eles atribuíam à educação no processo de construção da sociedade almejada.

Antes mesmo de proclamada a república portuguesa, alguns desses grupos ensaiaram algumas experiências no campo educacional, com o objetivo de formar o homem novo português com o qual tanto sonhavam. A Escola Oficina Nº 1, de Lisboa, teria sido uma dessas experiências. Inicialmente (1905), uma iniciativa de maçons republicanos liberais, cujas práticas (escolares, educacionais, pedagógicas, culturais, políticas e ideológicas — numa palavra, sociais) foram se alterando à medida que professores anarco-sindicalistas (como Adolfo e Antônio Lima, por exemplo) começaram a trabalhar na instituição (1907).

Detectar os pontos de distanciamento e de contato das práticas pedagógicas desses diferentes grupos de professores, educadores e pedagogos portugueses tem sido um dos principais objetivos de nossos estudos e investigações acerca da história da escola, destacadamente das escolas voltadas para o atendimento aos filhos das classes trabalhadoras urbanas, em Portugal e no Brasil, no início do século XX.

Considerações finais

Com raríssimas exceções, todos os articulistas aqui considerados trazem, de certa maneira, contribuições para o equacionamento do problema aqui levantado. Mas são os artigos publicados por Adolfo Lima aqueles que oferecem os elementos indispensáveis ao enfrentamento do cerne da questão. Afinal, quais teriam sido as peculiaridades da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa? Teria ela contribuído para a construção de um modelo pedagógico alternativo ao liberal, ou não? Quando Adolfo Lima, por exemplo, apresenta os 30 traços caracterizadores de uma escola nova, declarando quais deles orientavam as práticas dos educadores e professores da Escola Oficina, chega à conclusão de que menos da metade desses traços estava presente nas práticas pedagógicas da Escola Oficina. E quanto aos demais traços? Se, de certa forma, a Escola Oficina estava a menos de meio caminho de uma típica escola nova, o quão distante (ou próxima) ela ainda estava das práticas escolares tradicionais? E o que dizer, então, da presença (ou ausência) dos ideais libertários nas práticas pedagógicas dessa escola?

Um primeiro e importante procedimento, para o equacionamento dessas questões, seria tomar os 30 pontos caracterizadores de uma típica escola nova, sistematizados pelo Bureau International des Écoles Nouvelles — apresentados e comentados por Adolfo Lima em um dos artigos que publicou na revista *Educação Social*, intitulado “As Escolas Novas” — e verificar o quão próxima (ou distante) a Escola Oficina esteve desse modelo pedagógico. Um segundo procedimento seria tomar como objeto de investigação os escritos de Adolfo Lima sobre a escola única, em busca de outras evidências que possibilitassem a confirmação, reformulação, ou refutação das hipóteses levantadas no movimento anterior. Evidentemente, esses procedimentos não esgotam (e nem poderiam esgotar) todas as possibilidades de apreensão das questões aqui levantadas. Não dispensam, por exemplo, a análise de outros materiais que remetam o investigador às práticas educativas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Entretanto, no âmbito da opção metodológica que se assumiu (qual seja, a de tomar a imprensa de educação e ensino como fonte privilegiada para a investigação da formação do trabalhador urbano em Portugal, no início do século XX), os procedimentos acima mencionados são de fundamental importância para a consecução dos objetivos da investigação. Eles já estão sendo observados, mas os resultados que já produziram (e os que provavelmente ainda produzirão) serão apresentados em uma outra oportunidade.

Referências

CANDEIAS, António. 1994. *Educar de outra forma: a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional (Tese de Doutoramento).

NÓVOA, António e BANDEIRA, Filomena. (coord. geral). 2003a. Repertório da imprensa de educação e ensino. In: *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX)*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital).

NÓVOA, António e BANDEIRA, Filomena. (coord. geral). 2003b. Dicionário de Educadores Portugueses. In: *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX)*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital).